

Cliente: Richet Medicina & Diagnóstico – Dr. Helio Magarinos Torres Filho

Veículo: Jornal Folha de São Paulo Online

Data: 21/05/2019

Colunas/Editoria: Equilíbrio e Saúde

FOLHA DE S.PAULO



equilíbrio e saúde >

DIAS MELHORES

Aos poucos, medicina avança contra o câncer de pâncreas, um dos mais letais

Estudo brasileiro mostra melhora no prognóstico da cirurgia; pesquisa dos EUA pode aperfeiçoar detecção

SÃO PAULO Tumores de pâncreas não são tão comuns —somam 2% de todas as neoplasias diagnosticadas no Brasil—, mas são especialmente letais: apenas 1 a cada 10 pessoas permanece viva cinco anos após o diagnóstico, de acordo com estatísticas americanas. No caso do câncer de mama, por exemplo, esse índice é de 9 em cada 10.

Uma das razões para esse dado devastador da doença pancreática é a dificuldade de diagnosticá-la; outra é a resposta insatisfatória ao tratamento, seja ele cirúrgico, quimioterápico ou radioterapêutico. Pesquisas recentes, porém, dão boas notícias em ambas as fronteiras.

Na área de tratamento, médicos do A.C.Camargo Cancer Center mostraram num trabalho publicado no Journal of Surgical Oncology que a [cirurgia pode ser uma boa alternativa](#) (quando o caso permite) e

CONTE TO

que a expectativa de sobrevivência após cinco anos, antes calculada em cerca de 25%, pode estar aumentando.

Foram analisados 739 casos de [câncer](#) de pâncreas diagnosticados entre 2008 e 2016 em pacientes que passaram pela instituição em algum momento. Desse total, 177 foram operados, e 30,5% dessas pessoas estavam vivas após cinco anos. Para aqueles operados no próprio hospital, o resultado foi um pouco melhor: 33,8% de sobrevivência após cinco anos.



Técnica cirúrgica desenvolvida por europeus em 2018 usa calor contra tumor avançado no pâncreas - Vall d'Hebron

Todos os pacientes cujo tumor não podia ser operado ou que já estava em metástase (estágio avançado, em que o câncer se espalha pelo corpo) já haviam morrido cinco anos depois. A maior parte dos casos de câncer de pâncreas se dá em pessoas acima dos 60 anos e, no caso da amostra do A.C. Camargo, 40% dos pacientes tinham diabetes e 53% tinham histórico familiar de câncer (mas só 4,8% de câncer de pâncreas especificamente). Cerca de metade já tinha metástases.

CONTE TO

Ainda assim, os pacientes metastáticos viveram cerca de nove meses, mais do que o quádruplo do observado em estudos mais antigos. Isso representa um indício da evolução de outros tratamentos, como os de quimioterapia e radioterapia.

Apesar de o avanço global não ser tão grande, os pesquisadores são otimistas quanto ao futuro. “Esses dados, de certa forma, desmontam a tese de que o câncer de pâncreas não tem soluções terapêuticas”, diz Felipe Coimbra, coordenador do estudo. Para ele, conhecer as peculiaridades de cada paciente permite promover um tratamento personalizado e ainda mais efetivo.

Outra trincheira da guerra contra o câncer de pâncreas é o diagnóstico. Grande parte dos casos só são tão graves por causa da dificuldade de detecção.

“Na maioria dos casos, a doença segue com poucos ou nenhum sintoma e só dá sinais quando já se encontra em estágios mais avançados. Outro fator é que não existem ainda testes eficazes para a detecção de tumores em estágios iniciais. Os que se encontram disponíveis são pouco sensíveis, e geralmente os marcadores só apresentam-se elevados com a doença já em estágio avançado”, diz Helio Magarinos Torres Filho, membro da Sociedade Brasileira de Patologia Clínica e Medicina Laboratorial e diretor do laboratório Richet, no Rio.

Um estudo publicado neste ano na revista *Clinical Cancer Research* aponta melhora no cenário. Hoje, cerca de 40% dos casos de câncer de pâncreas podem ser detectados a partir do biomarcador CA19-9.

Outros casos dependem de exames de imagem ou biópsias, por exemplo, já que nem sempre as células tumorais produzem essa molécula.

CONTEXTO

A nova pesquisa, conduzida por cientistas do Instituto Van Adel, em Michigan (EUA), e de outras instituições americanas, propõe o uso de um outro marcador, o sTRA, outra molécula que às vezes é produzida pelas células tumorais, em conjunto com o CA19-9.

A nova pesquisa, conduzida por cientistas do Instituto Van Adel, em Michigan (EUA), e de outras instituições americanas, propõe o uso de um outro marcador, o sTRA, outra molécula que às vezes é produzida pelas células tumorais, em conjunto com o CA19-9.

Juntos, os dois marcadores podem detectar corretamente o câncer em 65% dos casos, sem prejudicar a especificidade, ou seja, a identificação correta de resultados negativos. Os experimentos foram feitos com 147 amostras de plasma humano.

“Existe hoje grande interesse da comunidade científica na pesquisa de métodos mais eficazes para a detecção precoce deste tipo de tumor. Entretanto, até o momento, não temos um marcador robusto que seja usado na prática clínica”, diz Torres Filho, que não participou do estudo.

O método desenvolvido pelos cientistas americanos ainda deve ser aperfeiçoado no futuro com o uso de mais marcadores, especulam os autores no artigo.

“O verdadeiro valor [do teste] vai se tornar mais claro como tempo [...]. Baseado a performance que observamos, esse painel de biomarcadores poderá ser importante para o monitoramento de pessoas em alto risco de desenvolver câncer de pâncreas”, concluem.

Alguns dos sinais sintomas do câncer de pâncreas são icterícia (pele e olhos amarelados, urina escura, fezes muito claras ou gordurosas, coceira), dores na barriga e nas costas, náusea e vômito, aumento do fígado e da vesícula biliar, trombose e, mais raramente, diabetes.



A estilista paulistana Ana Paula Massolin, 40, que enxergou nas redes sociais um espaço de ajuda mútua para enfrentar o diagnóstico de um câncer colorretal em 2013. "Na época queria saber se o meu cabelo ia cair, se ia passar mal, se tinha algo para aliviar os enjoos. Como tinha essas dúvidas, pensei que outras pessoas também teriam", diz, que começou com um blog e hoje tem 33 mil seguidores no Instagram Bruno Santos/Folhapress



Jussara del Moral, 54, dona do canal Supervivente, no Youtube, que foi diagnosticada em 2007 com câncer de mama e é tratada com químico oral. Com 150 vídeos no ar e mais de 3.500 seguidores, Jussara discute desde morte até sexo. "Famíliares até começaram a me respeitar mais, me levar a sério, porque viram o engajamento que eu tinha", conta ela Bruno Santos/Folhapress

CONTEXTO



A cabeleireira Cíntia Gonçalves, 38, que, por ouvir histórias de que os muitos maridos abandonam as mulheres com câncer, resolveu mandar o dela embora quando recebeu o diagnóstico de linfoma em 2013. “Falei: ‘não sei se você vai ter cabeça para enfrentar isso comigo, não quero que você passe por isso’”, relembra. O parceiro não foi embora. Ficou e a viu vencer o linfoma, em 2014, para descobrir uma leucemia, que Cíntia combate desde o fim de 2017 Bruno Santos/Folhapress



A assistente de atendimento Regiane da Silva, 26, que fez no dia 6 de setembro a última sessão de químio para tratar um linfoma descoberto em março. Ela conta sobre o impacto na mudança na aparência por causa da quimioterapia. “Quando raspei a cabeça, para mim foi tranquilo, o problema foram os outros”. Regiane diz que, às vezes, quando passeia de lenço na cabeça, recebe olhares assustados ou de dó, o que incomoda Bruno Santos/Folhapress

CONTEXTO



A esteticista Edvanda Cordeiro da Silva, 39, que trata tumor na parede do abdome e sofreu muito com náuseas e dor. “Cheguei a pesar menos de 30 quilos. Já tive pânico, ansiedade e medo, mexe com o psicológico, atrapalha o tratamento. Mas tento não pensar besteira. Mantenho o otimismo, não perco a esperança, faço planos” Bruno Santos/Folhapress



Acompanhada do marido, Eduardo Dip, a aposentada Tania Maciulis Dip, que está se tratando há cerca de quatro anos de câncer de útero, ovário e intestino e recebe cuidados paliativos. “Quando a gente fica doente, o coração fica apertado, fica mais quieto, resignado. Com o tratamento, vi que a vida podia ser um pouco mais fácil. Às vezes me sinto mais fraquinha por causa dos medicamentos, mas não perco o humor” Bruno Santos/Folhapress

<https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2019/05/aos-poucos-medicina-avanca-contra-o-cancer-de-pancreas-um-dos-mais-letais.shtml>